



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

DANILO VIEIRA DE ANDRADE

**A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO EM *SEARA VERMELHA*, DE
JORGE AMADO**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2023**

DANILO VIEIRA DE ANDRADE

**A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO EM SEARA VERMELHA, DE
JORGE AMADO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A553r Andrade, Danilo Vieira de.
A representação do trabalho em *Seara Vermelha*, de Jorge Amado. [manuscrito] / Danilo Vieira de Andrade. - 2023.
50 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA. "

1. Trabalho. 2. Exploração. 3. Opressão. 4. Desigualdades. 5. Miséria. I. Título

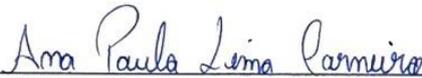
21. ed. CDD 361.1

DANILO VIEIRA DE ANDRADE

**A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO EM SEARA VERMELHA, DE
JORGE AMADO**

Aprovada em: 28 / 11 / 2023.

BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro
UEPB - CCHA/DLH



Examinadora: Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo
UEPB - CCHA/DLH



Examinador: Prof. Dr. Auribio Farias da Conceição
UEPB - CCHA/DLH

A Deus, por ter me abençoado para realização dos meus sonhos. A minha família, pelo apoio e incentivo, por acreditar no poder transformador da educação e da leitura para a realização dos meus objetivos.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus**, por me conceder a oportunidade de realizar o meu sonho de cursar Letras, pela sabedoria, por sempre abençoar os meus caminhos para a realização dos meus objetivos.

Agradeço imensamente e de forma especial a minha família, aos meus pais, **Edson Vieira de Andrade** e a minha mãe **Terezinha Ana de Andrade**, pelo apoio e por sempre me incentivar na conquista dos meus sonhos.

Aos meus irmãos, **Dailson Vieira de Andrade** e **Dinete Vieira de Andrade**, pelo apoio e incentivo e aos meus cunhados, **Francisco José Vieira**, e a minha cunhada **Anailma Patrício de Lima**, pelo apoio e incentivo.

Agradeço aos meus tios por sempre acreditarem em mim e na minha capacidade. Quero agradecer em especial a minha tia, Profa. **Sebastiana Vieira de Andrade** por sempre me incentivar a cursar Letras.

A minha orientadora, **Profa. Dra. Ana Paula de Lima Carneiro**, pela paciência e pelo apoio durante a construção desta pesquisa.

Aos professores do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, *campus* IV, pelo incentivo e pela contribuição na minha formação durante a trajetória acadêmica.

Aos meus colegas pelo incentivo e pela amizade que foi construída durante os cinco anos de muito estudo e dedicação.

Aos meus amigos, **Vitória Dantas**, **José Alves** e **Jaciara Dutra**, pelo apoio e incentivo durante o meu percurso na graduação.

Quero agradecer a quem sempre me incentivou a leitura, a minha amiga, **Profa. Socorro Targino** e **Haydée Targino** (*In memoriam*) e ao meu primo, **Prof. Dr. Luiz Vieira da Silva**.

“E pela madrugada, quando as sombras ainda envolviam os campos úmidos de orvalho, e no ar se elevava aquele cheiro poderoso de terra, Nenen partiu para a caatinga pelo mesmo caminho seguido um dia por Jerônimo e sua família. Os brotos de dor e de revolta cresciam naquela seara vermelha de sangue e fome, era chegado o tempo da colheita”

(Jorge Amado)

A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO EM *SEARA VERMELHA*, DE JORGE AMADO

RESUMO:

A problemática tem por conseguinte compreender como está representada a opressão e a exploração do trabalho em *Seara Vermelha*, publicado em 1943. A presente pesquisa tem como objetivo analisar a representação do trabalho em *Seara Vermelha*, de Jorge Amado. Especificamente, pretende-se compreender as desigualdades sociais representadas no referido romance, analisando a opressão e a exploração latifundiária do trabalho e os papéis sociais exercidos pelos personagens: Jerônimo, Ataliba, Militão e João Pedro. Este estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, no qual utilizamos os seguintes autores para o embasamento teórico: Candido (2006a; 2006b; 2011), Bosi (2017), Ribeiro (2007), Marx (2005; 2008; 2013a; 2013b). Após a realização desta pesquisa foi possível identificar a opressão e exploração dos trabalhadores na fazenda com salários desiguais e falta de assistência médica. As consequências do trabalho análogo à escravidão, contribuiu para que os personagens sofressem as consequências como a doença, a morte de alguns companheiros e as péssimas condições de trabalho fez com que eles procurassem uma situação melhor de vida. Nesse sentido, as condições sociais e as desigualdades vivenciadas pelos personagens, mostra as injustiças que estão presentes e a luta pelos seus direitos como cidadãos.

Palavras-chave: Trabalho; Exploração; Opressão; Desigualdades; Miséria.

The representation of work in *Seara Vermelha*, by Jorge Amado

ABSTRACT:

The problem therefore involves understanding how oppression and exploitation of work are represented in *Seara Vermelha*, published in 1943. The present research aims to analyze the representation of work in *Seara Vermelha*, by Jorge Amado. Specifically, the aim is to understand the social inequalities represented in the aforementioned novel, analyzing the oppression and large-scale exploitation of labor and the social roles played by the characters: Jerônimo, Ataliba, Militão and João Pedro. This study was developed through a bibliographical research of a qualitative nature, in which we used the following authors for the theoretical basis: Candido (2006a; 2006b; 2011), Bosi (2017), Ribeiro (2007), Marx (2005; 2008; 2013a; 2013b). After carrying out this research, it was possible to identify the oppression and exploitation of workers on the farm with unequal wages and lack of medical assistance. The consequences of work similar to slavery contributed to the characters suffering consequences such as illness, the death of some companions and the terrible working conditions that made them look for a better living situation. In this sense, the social conditions and inequalities experienced by the characters show the injustices that are present and the fight for their rights as citizens.

Key-words: Work; Exploration; Oppression; Inequalities; Misery.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LITERATURA E SOCIEDADE	12
2.1 Representações do trabalho na literatura modernista.....	14
2.2 Jorge Amado: vida e obra	21
3 O TRABALHO LATIFUNDIÁRIO EM SEARA VERMELHA, DE JORGE AMADO...	26
3.1 As desigualdades sociais presentes no romance <i>Seara Vermelha</i>	28
3.2 Opressão e exploração do trabalho: caminhos da desesperança	36
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

É essencial perceber a relação que se estabelece por meio da *Literatura e sociedade*, pois busca compreender a sociologia e as suas diversas vertentes que engloba as concepções sociais. A crítica sociológica se estabelece por meio dos fatores que contribuem para a compreensão do social na obra literária, com a abordagem nas questões relacionadas à literatura e a realidade. A sociedade é essencial para a análise crítica de uma obra literária.

Esta pesquisa busca analisar a representação do trabalho na obra *Seara vermelha* (1946), de Jorge Amado, que tem por objetivo entender a exploração, opressão e as desigualdades sofridas pelos trabalhadores que vivem em uma terra árida, seca e sem perspectivas de melhores condições de trabalho. Na qual, aborda questões como a fome, a miséria que são questões tratadas pela literatura regionalista e compreender os papéis sociais exercidos pelas personagens no romance.

Escrito em 1946, *Seara Vermelha*, de Jorge Amado, narra a história de uma família de lavradores que são expulsos da fazenda em que trabalhavam no sertão da Bahia. Eles não ganhavam o necessário para comprar seus alimentos no armazém da fazenda, o latifúndio foi vendido e tiveram que sair, sem perspectivas e sem nenhuma garantia dos seus direitos, os trabalhadores estavam sendo explorados e oprimidos, e teriam que ir em busca de uma condição de vida melhor. Eles tiveram que decidir ir a jornada rumo a São Paulo, durante o percurso alguns morreram, por falta de alimentos, a fome e a fraqueza tomaram conta dos retirantes, alguns não conseguiram chegar ao destino e faleceram pelo caminho.

Para entendermos a problemática é necessário apontar alguns questionamentos: Como Jorge Amado aborda a opressão e a exploração do trabalho no romance *Seara Vermelha*? Quais as dificuldades sociais enfrentadas pelos personagens no romance *Seara Vermelha*, de Jorge Amado? Que papéis são exercidos pelos personagens Jerônimo, Ataliba, Militão, João Pedro? De que forma esses personagens são oprimidos e explorados no meio de trabalho? abordamos por meio de uma pesquisa qualitativa, que tem por objetivo analisar a representação do trabalho no universo ficcional da obra literária *Seara Vermelha*, e os objetivos específicos entender como é abordado a exploração do trabalho, as desigualdades sociais e o papel dos personagens nos ambientes de trabalho. As condições de

trabalho precárias e péssimos salários são elementos propícios para exploração que causam as desigualdades sociais.

Estado da arte (Uma pesquisa), a pesquisa é intitulada “Uma análise lexicológica dos instrumentos e das relações de trabalho em *Seara Vermelha*, de Jorge Amado” (2017), Maria da Conceição Reios Teixeira, a pesquisa se justifica por meio desta análise que aborda as relações trabalho na obra de Jorge Amado que trata do tema pertinente e a autora busca compreender os instrumentos de trabalho por meio dos campos lexicais e analisa as questões sobre a exploração do trabalho, com condições análogas à escravidão.

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, no qual utilizamos para a construção do embasamento teórico os seguintes autores: Candido (2006a; 2006b; 2011), Bosi (2017) Ribeiro (2007), Marx (2005; 2008; 2013a; 2013b). Para a construção da análise literária do romance *Seara Vermelha*, de Jorge Amado. Utilizamos Candido que aborda a relação da obra literária com a sociedade, relacionando por meio da crítica social para entender as questões relacionadas a obra literária e a realidade, e por meio de Marx apresenta a relação capital, trabalho e alienação. Já Ribeiro aborda as questões relacionadas ao latifúndio presente na obra.

A monografia encontra-se organizada em dois capítulos, divididos em tópicos e subtópicos. No primeiro capítulo “Literatura e Sociedade” abordamos a relação entre literatura e sociedade e sobre a condição do trabalhador na década de 1940, logo após trataremos da questão da representação do trabalho na literatura modernista e em seguida acerca da vida e obra de Jorge Amado. No segundo capítulo “O trabalho latifundiário em *Seara Vermelha*, de Jorge Amado” abordamos as desigualdades sociais presentes na obra *Seara Vermelha* (1946), de Jorge Amado, analisando a opressão e a exploração latifundiária.

2 LITERATURA E SOCIEDADE

A literatura constitui em um excelente meio de transmitir conhecimento a uma sociedade, por meio de textos e obras literárias que gera no leitor suas reflexões acerca da realidade e o meio social o qual são inseridos, criando uma relação e uma reflexão entre a obra e sociedade, pois o texto literário é uma das maneiras de transmitir a cultura. Quando se trata de sociologia da literatura, é necessário entender que parte do pressuposto de que a obra literária reflete a sociedade, pois a literatura é um produto da sociedade, as condições que são representadas na literatura refletem o meio social, pois, é por meio das contribuições dos aspectos sociais, que atribui para a constituição do elemento para análise do texto literário, são relevantes para a análise crítica que leva em consideração a relação entre sociedade e obra literária. De acordo com Candido (2006):

É o que vem sendo percebido ou intuído por vários estudiosos contemporâneos, que, ao se interessarem pelos fatores sociais e psíquicos, procuram vê-los como agentes da estrutura, não como enquadramento nem como matéria registrada pelo trabalho criador, e isto permite alinhá-lo entre os fatores estéticos. A análise crítica de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel [...] (Candido, 2006a, p. 14).

A crítica sociológica busca por meio dos elementos sociais entender a sociedade e compreender as questões que envolvem os dilemas sociais, mas não devem levar em consideração o texto apenas na perspectiva da sociologia, procuram entender como elemento estético do estilo da obra literária. Uma vez que é essencial, pois é um fator importante e colabora como elemento da estrutura para entender todos os pontos que compõem a obra literária e o olhar do crítico em relação às determinadas questões que são pertinentes. Segundo Candido (2006):

Todas estas modalidades e suas numerosas variantes são legítimas e, quando bem conduzidas, fecundadas, na medida em que as

tomarmos, não como crítica, mas como teoria e história sociológica da literatura, ou como sociologia da literatura, embora algumas delas satisfaçam também as exigências próprias do crítico (Candido, 2006a, p. 20).

Na interpretação de uma obra literária é preciso levar em consideração as circunstâncias históricas que a compõem e as questões formais que formam a sua estrutura. Conforme Candido (2006, p. 14): “Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”. Sempre levando em consideração o social, pois se torna pertinente como forma de estrutura da obra. É necessário partir de uma análise das relações sociais e uma melhor compreensão do estudo mais aprofundado na perspectiva sociológica. Candido (2006) reflete que:

Terminando, desejo voltar à relação inextricável, do ponto de vista sociológico, entre a obra, o autor e o público, cuja posição respectiva foi apontada. Na medida em que a arte é como foi apresentada aqui um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto o criador (Candido, 2006b, p. 47-48).

Nesse sentido, é preciso entender o ponto de vista e suas relações entre obra, autor e público. Ele destaca que o público é importante, pois, constrói a personalidade do autor, e cria sentidos a obra por meio do entendimento e suas reflexões sobre determinadas questões sociais tratadas. O público faz sentido na obra e é uma forma de mobilização social na construção de conhecimento e expressão de uma sociedade, pois o autor é tido como espelho que reflete a imagem do autor enquanto criador da obra literária. De acordo com Candido (2006):

Assim, a série autor-público-obra, junta-se a outra: autor-obra-público. Mas o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou e o público, a que se dirige: é o agente que desencadeia o processo, definindo uma terceira série interativa: obra-autor-público (Candido, 2006b, p. 41).

A leitura de obras literárias na prosa, possibilita entender as problemáticas sociais por meio de personagens, provoca no leitor indagações e reflexões sobre a realidade social presente na sociedade. Conforme Candido (2011, p. 51): “No meio deles, avulta a personagem, que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos”. Nesse sentido, as personagens são primordiais para o desenvolvimento da narrativa e contribuem para dar vida a obra literária.

Para entender como se desenvolve a teoria do romance, de Lukács (2000) se faz necessário apontar alguns caminhos, pois ele apresenta como o romance se transformou em uma perspectiva estética e como as contribuições relacionadas às questões filosóficas e históricas contribuíram para o surgimento do gênero romance. Ele atribui a ética como um princípio normativo do gênero: “No romance a intenção, a ética, é visível na configuração de cada detalhe e constitui, portanto, em seu conteúdo mais concreto, um elemento estrutural eficaz da própria composição literária” (Lukács, 2000, p. 72). O papel da ética constitui-se em um dos elementos que compõem a estrutura que é essencial para a composição literária.

Nesse sentido, é necessário abordar a perspectiva da teoria do romance, de Lukács (2000), pois ele faz uma reflexão teórica acerca do gênero e aborda a perspectiva do moderno por intermédio da literatura. Para isso, é importante o seu ponto de vista sobre o criador do artista como um dos principais elementos que compõem a contemplação, o primeiro a condição emocional da reflexão. Lukács (2000, p. 80).

2.1 Representações do trabalho na literatura modernista

Em 1922, entre os dias 13 e 17 de fevereiro, a literatura apresenta novos pontos de vista e a forma de ver a arte, principalmente deixando de lado os padrões estabelecidos pelos outros movimentos, criando a liberdade estética na arte no qual trazia a ideia de nacional e crítica social, teve início na semana de arte moderna, liderada por cinco personalidades: Anita Malfatti, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. O evento reuniu diversas exposições e com apresentações, contribuiu com o surgimento de manifestos, revistas e movimentos artísticos. Segundo Bosi (2017):

[...] Modernismo entende-se algo mais que um conjunto de experiências de linguagem; se a literatura que se escreveu sob o seu signo representou *também* uma crítica global às estruturas mentais das velhas gerações e um esforço de penetrar mais fundo na realidade brasileira, então houve, no primeiro vintênio, exemplos probantes de inconformismo cultural: e escritores pré- modernistas foram Euclides, João Ribeiro, Lima Barreto e Graça Aranha (este, independentemente da sua participação na *Semana*) (Bosi, 2017, p. 354).

O modernismo trouxe inovações para as letras, pois as tendências anteriores levavam em consideração as questões relacionadas ao tradicionalismo estético das escolas literárias, a ruptura desses padrões acontece com a semana de 22. Os artistas têm a liberdade para escrever e que buscavam características nacionais como é perceptível na obra *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, no qual trata um índio que resolve ir a São Paulo para recuperar a sua Muiraquitã, o herói sem nenhum caráter. Candido (2006) reflete que:

Mário de Andrade, em *Macunaíma* (a obra central e mais característica do movimento), compendiou alegremente lendas de índios, ditados populares, obscenidades, estereótipos desenvolvidos na sátira popular, atitudes em face do europeu, mostrando como a cada valor aceito na tradição acadêmica e oficial correspondia, na tradição popular, um valor recalcado que precisava adquirir estado de literatura (Candido, 2006, p. 127-128).

O primeiro livro considerado modernista só chegou ao público na semana de arte moderna de 1922, que foi *Paulicéia Desvairada* de Mário de Andrade, e logo

depois apareceram outros livros em 1923, *As memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade. Em 1924, *O Ritmo Dissoluto*, de Manuel Bandeira. Em, 1925, *A Escrava que não é Isaura*, de Mário; *Pau-Brasil*, de Oswald; *Meu e Raça*, de Guilherme de Almeida; *Chuva de Pedra*, de Menotti del Picchia. Em 1926, *Losango Cáqui*, de Mário; *Toda a América*, de Ronald de Carvalho; *Vamos Caçar Papagaios*, de Cassiano Ricardo; *O Estrangeiro*, de Plínio Salgado. Em 1927, *Amar Verbo Intransitivo* e *Clã do Jabuti*, de Mário; *Estrela de Absinto*, de Oswald; *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Alcântara Machado; *Estudos* (1a série), de Tristão de Ataíde. Em 1928, *Macunaíma*, de Mário de Andrade. (Bosi, 2017).

Os autores de 1922, mais conhecido como a geração modernista trouxeram novas perspectivas em relação a arte principalmente na literatura, o primeiro livro moderno foi *Macunaíma*, de Mário de Andrade e *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade. Bosi (2017) reflete que:

As inovações atingem os vários estratos da linguagem literária, desde os caracteres materiais da pontuação e do traçado gráfico do texto até as estruturas fônicas, lexicais e sintáticas do discurso. Um poema da *Pauliceia Desvairada* ou um trecho de prosa das *Memórias Sentimentais de João Miramar*, um passo qualquer extraído de *Macunaíma* ou um conto ítalo-paulista de Antônio de Alcântara Machado nos dão de chofre a impressão de algo novo em relação a toda a literatura anterior a 22: eles ferem a intimidade da expressão artística, a corrente dos significantes (Bosi, 2017, p. 369).

Na semana de 22, criou-se alguns manifestos importantes para difundir a arte, o Manifesto antropofágico (1928), de Oswald de Andrade, que tinha por objetivo não negar a cultura estrangeira, mas ela não deve ser imitada. O manifesto Pau Brasil que consistia em buscar a consciência da sua nacionalidade que foram um período muito marcado pela sua melhor produção propriamente modernista entre 23-30. Segundo Bosi (2017):

É a partir de Oswald que se deve analisar criticamente o legado do Modernismo paulista, pois foi ele quem assimilou com conaturalidade os traços conflitantes de uma inteligência burguesa em crise nos anos que precederam e seguiram de perto os abalos de 1929/30. Havia nele todos os fatores sociais e psicológicos que concorreram para a construção do literato cosmopolita, daquele *homo ludens* que se

diverte com a íntima contradição ética *alienado-revoltado* diante de uma sociedade em mudança (Bosi, 2017, p. 381-382).

Depois da fase do modernismo de 1922, começou a surgir uma nova geração de escritores que segundo os críticos buscavam um romance mais amadurecido, voltado para o povo, ou seja, para as manifestações culturais, que buscavam fazer a denúncia social. No qual na década de 1930, os explorados e diluídos vão ser representados pela literatura de certa forma, com intuito de refletir sobre os problemas políticos e sociais que estavam em voga no Brasil.

A consolidação do regionalismo aconteceu somente na década de 1930 com o romance do nordeste que levou em consideração as tendências neo-realistas. Trata-se de um tipo de romance que aborda sobre determinada região e seus aspectos geográficos, levando em consideração as temáticas do social como a exploração do trabalho, as desigualdades sociais e econômicas, discriminação, o preconceito e a opressão. De autores como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Érico Veríssimo e Jorge Amado, dentre outros. De acordo com Candido (2006):

[...] a literatura e o pensamento se aparelham numa grande arrancada. A prosa, liberta e amadurecida, se desenvolve no romance e no conto, que vivem uma de suas quadras mais ricas. Romance fortemente marcado de Neo-naturalismo e de inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país: decadência da aristocracia rural e formação do proletariado (José Lins do Rego); poesia e luta do trabalhador (Jorge Amado, Amando Fontes); êxodo rural, cangaço (José Américo de Almeida, Raquel de Queirós, Graciliano Ramos); vida difícil das cidades em rápida transformação (Érico Veríssimo) (Candido, 2006, p. 130).

A geração de 1930 como ficou conhecida, ou seja, a literatura regionalista, que teve o marco inicial com a publicação de *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida e o surgimento da geração de escritores que ficou conhecido como o romance de 30. Que aborda as temáticas sobre a região rural, o trabalho está muito presente nas obras dos autores dessa época, como a exploração, a falta de condições de trabalho dignos e o salário minguaço. As péssimas, situações dos trabalhadores que causam as condições a exploração e o trabalho análogos à escravidão.

Na década de 1940, a maioria dos trabalhadores viviam no campo, sofrendo com as desigualdades sociais, o pouco dinheiro que ganhavam não constituía um salário e com péssimas condições de trabalho. A exploração dos trabalhadores era constante nas fazendas na qual trabalhavam. Embora que neste mesmo período a legislação trabalhista foi ampliada e o direito foi assegurado na constituição de 1934, que estabelecia a liberdade sindical, férias anuais remuneradas e salário mínimo, mas não favoreciam todos os trabalhadores, apenas aqueles que eram reconhecidos pelo estado (Luiz; Santin, 2011).

Os autores que trataram sobre a da exploração do trabalho foram Graciliano Ramos aborda em *Vidas Secas* (1938) que apresenta na obra a situação do trabalhador no sertão nordestino vivendo situações de trabalhos análogas à escravidão. José Lins do Rego é outro autor que abordou em suas obras a exploração do trabalho infantil, por exemplo, o romance *Moleque Ricardo* (1935), e José Americo de Almeida, por exemplo, o romance *A bagaceira* (1928), retrata as condições sub-humanas dos trabalhadores dos engenhos, onde as desigualdades, as situações desumanas no qual eles sofriam e eram explorados pelos senhores de engenhos, os responsáveis pela administração das fazendas que cumpriam as ordens do patrão. Conforme Bosi (2017):

[...] *A Bagaceira* (1928), passou a marco da literatura social nordestina. Creio que isso se deva não tanto aos seus méritos intrínsecos quanto por ter definido uma direção formal (realista) e um veio temático: a vida nos engenhos, a seca, o retirante, o jagunço (Bosi, 2017, p. 422).

Jorge Amado é um dos autores de 1930, que mais destacou em suas obras a exploração do trabalho, por ser marcado de forma mais perceptível, pois nos seus romances representou as cruéis condições de vida dos trabalhadores e a exploração, as desigualdades e injustiças sociais. A temática do trabalho aparece em *Cacau* (1933), que trata da exploração do proletariado e os trabalhadores no qual trabalhavam na fazenda do coronel que oprimiam homens, mulheres e crianças nos meios de trabalho na fábrica e na lavoura. No qual arranjavam problemas de saúde, a juventude e a esperança por dias melhores, enquanto que os patrões se usufruem

da riqueza ganhada com suor dos mais humildes, por meio do trabalho análogo a escravidão.

A maioria das atividades consistia por meio da agricultura em 1940, pois o país foi totalmente agrícola, os trabalhadores foram explorados e oprimidos, por isso essa questão é frequente nos romances de 1930, principalmente Jorge Amado. A maioria das pessoas que trabalhavam na agricultura eram homens e que desempenhavam suas funções nas fazendas, ganhando o salário insuficiente para suprir as necessidades fundamentais de uma vida digna e que foram abordadas na literatura de vários escritores que pertencem ao movimento regionalista como forma de denúncia social. A maioria das pessoas que trabalhavam na década de 1940, nos meios rurais eram compostos por pessoas de 10 a 20 anos de idade, como apontam os dados do IBGE. Segundo dados do IBGE do censo de 1940, cerca de 28,9 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade estavam ocupadas em alguma atividade econômica. Nos setores de Agricultura, pecuária, silvicultura correspondia a 32.6%. Mostra que o Brasil, no ano de 1940, era um país totalmente agrícola e que a maioria dos trabalhadores eram homens, pois as mulheres lidavam com as tarefas domésticas. No qual segundo os dados cerca de 56 % eram homens que desempenhavam seu papel na agricultura (Ibge)¹.

O escritor consegue com a publicação de *Suor* (1934), no qual a obra trata dos problemas dos trabalhadores encontrados na Bahia, com esse livro Jorge Amado inicia uma nova perspectiva do romance: a representação da marginalização de malandros e trabalhadores que vivem na Bahia. A maturidade do romance de Jorge Amado, surge com a publicação de *Jubiabá* (1935), a obra que narra no tom quase épico a história do negro Balduino, de menor abandonado, depois se torna um líder grevista, passando por várias provações até conseguir uma consciência mais assertada sobre a situação do trabalhador pobre e do negro na sociedade.

Em *Seara Vermelha* (1946), Jorge Amado aborda as condições precárias dos trabalhadores e das péssimas condições de vida, os personagens sofrem com situações subumanas, vivem na fazenda e são expulsos do latifúndio no qual estavam vivendo, sendo oprimidos pelos fazendeiros e pelos grandes coronéis. A miséria, a fome que os trabalhadores e colonos passaram durante a longa jornada de trabalho nas fazendas são as consequências da exploração e por serem expulsos de suas

¹ Disponível em: <<https://doceru.com/>> Acesso em: 30 de out. de 2023.

casas. A literatura regionalista de 1930, caracterizado pela denúncia social. De acordo com Ribeiro (2007):

[...] um dos romances mais violentos de Jorge Amado. A própria temática já contém em si os elementos dessa violência: misturam-se aqui a questão do latifúndio e da exploração dos trabalhadores do campo; a migração forçada, através da caatinga calcinada pela seca, e nas condições sub-humanas dos barcos do rio São Francisco; os problemas do beatismo messiânico e apocalíptico e do cangaço, e o levante militar de 1935 em cidades do Nordeste brasileiro (a tão falada Intentona Comunista) (Ribeiro, 2007, p. 56).

Os romancistas deste período estavam preocupados em apresentar a realidade social do Brasil, Jorge Amado, foi denominado pelo Bosi (2017, p. 405) como “[...] fecundo contador de histórias regionais [...]”. Em 1946, Jorge Amado publicou *Seara Vermelha*, que é considerada a obra em que o autor muda as perspectivas que até então havia feito. A obra aborda a questão da migração ganha mais atenção, bem como a seca, o latifúndio e as disputas de terras. O romance amadiano em que mais se fala sobre o Nordeste do semiárido, no qual os elementos culturais da região são postos em voga. Segundo Rabassa (1995):

[...] o mais representativo autor da vida na Bahia. [...] A variedade de personagens e ambientes de seus romances é devida as suas próprias experiências. Ele teve uma vida intensa, ao lado de todos os tipos de humanos na cidade e no interior da Bahia (Rabassa, 1995, p. 263).

A convivência com o povo fez com que Jorge abordassem em suas obras as temáticas ligadas à literatura regionalista, os problemas sociais que envolvia a sociedade, a extrema pobreza, as desigualdades sociais presentes nos grupos menos favorecidos que ficavam à margem da sociedade, no qual os coronéis que mantinha o poder e utilizava para oprimir e explorar os trabalhadores. Ele tratou de diversos temas envolvendo religião de matriz africana, o preconceito racial, a exploração do trabalhador rural e urbano, o coronelismo, a diversidade cultural, as lutas e a opressão de classes.

Em 1930, a agricultura era um dos principais meios de produção vigente, e que mais exploraram os trabalhadores no meio rural, os escritores abordam em suas obras as questões relacionadas aos excluídos, os marginalizados e os colocou como heróis no romance. Os escritores como Jorge Amado, que denunciava por meio da literatura os sofrimentos dos personagens em meio a uma sociedade escravista e opressora, principalmente os mais humildes que não tinha nenhuma proteção de leis.

2.2 Jorge Amado: vida e obra

Jorge Amado de Faria nasceu em Ferradas, município de Itabuna, Bahia, em 1912, cursou o primário em Ilhéus e o secundário com os jesuítas em Salvador e no Rio de Janeiro. Em Salvador levou a vida como Jornalista boêmio nos fins da década de 20. O escritor fez parte da efêmera “Academia dos Rebeldes”, grupo de quem faziam parte o poeta Sosígenes Costa e o futuro historiador e folclorista Édson Carneiro. Em 1930, vai para o Rio fazer o curso de Direito, na Faculdade de direito da Universidade do Rio de Janeiro, atual Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), lá conhece alguns escritores que incentivam a publicar seu primeiro romance *O país do Carnaval* (1931). Por influência de Rachel de Queiroz, em 1932, aproxima da militância esquerdista lê novelas da nova literatura russa e do realismo bruto norte-americano (Bosi, 2017).

Jorge Amado viajou repetidas vezes pelo interior da Bahia e de Sergipe e procurou transpor os casos que viu e ouviu para uma série de romances populistas: *Cacau* (que se passa na zona de Ilhéus) e o ciclo dos romances urbanos de Salvador - *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936), *Capitães da Areia* (1937). No decênio de 1930, Jorge Amado conheceu a América Latina e viu seus primeiros livros traduzidos para vários idiomas. Nos anos da II Guerra Mundial faz literatura de propaganda política e envolve-se na oposição ao Estado Novo, sendo preso em 1942. Livre, passou algum tempo na Bahia, onde retomou literariamente cenas e tipos de *Cacau*, em *Terras do Sem-Fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944) (Bosi, 2017).

Ele foi eleito deputado, em 1946, pelo P. C. B, como deputado criou a lei de liberdade religiosa, logo resolveu exilar-se quando do fechamento deste. Jorge viajou longamente pela Europa Ocidental e pela Ásia (1948). Desligou do PCB em 1956, após denúncias de Khru-schóv. As traduções dos seus livros alcançaram então altas

tiragens nos países socialistas. Ele voltou ao Brasil, em 1952 e trouxe escritas obras abertamente partidárias: *O Mundo da Paz* (1951), *Os Subterrâneos da Liberdade* (1954). Instalou-se, por algum tempo, no Rio, onde dirigiu o semanário Para Todos. A partir de 1958, voltou a escrever seguidamente romances e novelas de ambientação regional, já agora em linguagem menos polêmica e mais estilizada. Foi eleito em 6 de abril de 1961 para ser membro da Academia Brasileira de Letras, ocupou a cadeira 23, cujo patrono era o escritor José de Alencar (1829-1877). Jorge Amado faleceu em 6 de agosto de 2001 (Bosi, 2017).

O escritor baiano apresenta uma vasta obra, pois são mais de 40 livros, no qual trata sobre os mais diversos temas como desigualdades, injustiças sociais, crenças, tradições, entre romances, memórias e um guia sobre Salvador. Publicou seu primeiro livro em 1931, *O país do Carnaval*, no qual os mil exemplares da primeira edição se esgotaram rapidamente. Dentre eles estão *Capitães de Areia* (1937), que foi publicado em um período conturbado, às vésperas do Estado Novo e os personagens são usados para representar a camada social, no qual trata de garotos, órfãos, pobres e marginalizados segregado pela sociedade, pelo sistema capitalista opressor. *Dona flor e seus dois maridos* (1966), a luta psíquica da personagem Flor, na tentativa de superar preconceitos impostos pela sociedade. No qual trata sobre os mais diversos temas, abordados pelo autor, como a fome, a miséria, as desigualdades e injustiças sociais (Aguiar, 2018).

A obra de Jorge Amado que foi publicado em mais de 50 países e em 48 idiomas, suas obras foram adaptadas para o cinema, teatro e na TV e ganharam repercussão que fizeram um documentário, Jorjamado no cinema, quando o diretor Glauber inicia a gravação dizendo que Jorge é o escritor mais filmado do mundo, com três romances adaptados e mais quatro prestes a sair. O primeiro livro de Jorge a ser adaptado foi em 1948, com a produção de Atlântida dirigida por um americano, Eddie Bernoudy, *Seara Vermelha* chegou à tela em 1964, *Capitães de Areia* virou *The Defiant*, filmado na Bahia, com a direção de Hall Bartlett e lançado em 1971. A obra de Jorge Amado tomou uma dimensão superlativa por meio das adaptações (Aguiar, 2018).

Jorge Amado ganhou o gosto dos leitores, não só do Brasil, mas internacionalmente. As suas obras são de cunho regionalista e de denúncia social, ele abordou em seus romances: o coronelismo, irregularidade na distribuição de terras, a miséria presente na população menos favorecida, a decadência dos grandes

latifundiários, dentre outras temáticas. Dessa forma, os personagens são: os marginalizados, o negro, o pobre, ou seja, apresenta todos os excluídos perante a sociedade. Os aspectos como a cultura afro-brasileira, a mestiçagem, a literatura política, a militância comunista, as traduções e a recepção crítica em os mais variados idiomas, influência na literatura africana ou portuguesa que atrai os interesses dos pesquisadores de letras, sociologia, história, antropologia e etc (Aguiar, 2018).

Casou-se pela primeira vez em 1933, com Matilde Garcia Rosa com a qual teve uma filha, Lila. já no segundo casamento foi com a escritora Zélia Gattai em 1945, e com ela teve dois filhos, João Jorge e Paloma. Jorge Amado recebeu diversos prêmios no Brasil: Prêmio Nacional de Romance do Instituto Nacional do Livro (1959); Prêmio Graça Aranha (1959); Prêmio Paula Brito (1959); Prêmio Jabuti (1959 e 1970); Prêmio Luísa Cláudio de Sousa, do Pen Clube do Brasil (1959); Prêmio Carmen Dolores Barbosa (1959); Troféu Intelectual do Ano (1970); Prêmio Fernando Chinaglia, Rio de Janeiro (1982); Prêmio Nestlé de Literatura, São Paulo (1982); Prêmio Brasília de Literatura - Conjunto de Obras (1982); Prêmio Moinho Santista de Literatura (1984); prêmio BNB de Literatura (1985) (Abl, 2017).

Jorge Amado exerceu atividades jornalísticas desde bem jovem quando ingressou como repórter no *Diário da Bahia* (1927-29), época em que também escrevia na revista literária baiana *A Luva*. Depois, no Sul, atuou sempre na imprensa, tendo sido redator-chefe da revista carioca *Dom Casmurro* (1939) e colaborador, no exílio (1941-42), em periódicos portenhos - *La Crítica*, *Sud* e outros. Retornando à pátria, redigiu a seção "Hora da Guerra", no jornal *O Imparcial* (1943-44), em Salvador, e, mudando-se para São Paulo, dirigiu o diário *Hoje* (1945). Anos após, participou, no Rio, da direção do semanário *Para Todos* (1956-58) (Abl, 2017).

Jorge Amado pertenceu a outras academias como membro correspondente da Academia de Ciências e Letras da República Democrática da Alemanha; da Academia das Ciências de Lisboa; da Academia Paulista de Letras; e membro especial da Academia de Letras da Bahia. Obá do Axê do Opó Afonjá, na Bahia, onde viveu, cercado de carinho e admiração de todas as classes sociais e intelectuais. Jorge é um dos autores que mais sobreviveu dos direitos autorais, pois suas adaptações ganharam as telas e com os direitos de *Gabriela Cravo e Canela* (1958) comprou a casa do rio vermelho, pois suas obras foram adaptadas para histórias em quadrinhos, não só no Brasil, mas também em Portugal, na França, na Argentina, na Suécia, na Alemanha, na Polônia, na Tchecoslováquia, na Itália e nos Estados Unidos (Abl,

2017).

Jorge Amado foi traduzido para 49 idiomas, e pelos cálculos da imprensa somavam-se 21 milhões de exemplares vendidos no país e 80 milhões no mundo. O *Le Monde* lembrou que Jorge dedicara sua obra à defesa dos oprimidos. São compostas por mais de 40 livros ao todo e sua obra busca focar em temas sociais que estão presentes na literatura de 1930, pois retrata a vida real e que sua obra aborda questões como as desigualdades sociais, a miséria presentes nos grupos menos favorecidos, a opressão do trabalhador rural, o cotidiano dos marginalizados e a exploração deles pelos grandes fazendeiros (Aguiar, 2018).

O romancista publicou *O país do Carnaval* em 1931, os mil exemplares da primeira edição se esgotaram. Seis meses depois do lançamento, sairia uma nova tiragem, maior, de 2 mil exemplares, que, no entanto, demoraria a ser vendida. Jorge dizia que talvez tivesse sido o principal comprador, para enviar àqueles que podiam se interessar e com quem queria iniciar diálogo. Não chegou a fazer sucesso com o público, apesar da acolhida da gente especializada. Bem recebido em sua estreia como autor desconhecido. Já em 1933, publica *Cacau* e em 1934 havia outro romance pela frente que era *Jubiabá*, este último indicado no subtítulo como “o romance da raça negra do Brasil” (Aguiar, 2018).

A prosa de ficção encaminhada para o “realismo bruto” de Jorge Amado, de José Lins do Rego, de Érico Veríssimo e, em parte, Graciliano Ramos, beneficiou-se amplamente da “descida” à linguagem oral, aos brasileirismos e regionalismos léxicos sintáticos, que a de prosa modernista tinha preparado. E até mesmo em direções que parecem espiritualmente mais afastadas de 22 (o romance intimista de Otávio de Faria, Lúcio Cardoso, Cornélio Pena), sente-se o desrecalque psicológico “freudiano-surrealista” ou “freudiano-expressionista” que também chegou até nós com as águas do Modernismo (Bosi, 2017).

A partir das primeiras publicações foi se tornando um dos autores mais conhecidos da literatura, os seus livros a cada livro publicado ele vai se tornando o mais conhecido no meio literário, suas obras tomaram uma dimensão muito significativa e devido às adaptações de romances como *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), *Dona Flor e seus dois Maridos* (1966) e *Tieta do Agreste* (1977). Foi o autor mais adaptado para o cinema, TV e teatro da literatura Brasileira, tornou-se um autor conhecido não só no Brasil, mas internacionalmente, principalmente em países socialistas como Tchecoslováquia, Polônia, Hungria e Romênia (Aguiar, 2018).

As adaptações para o cinema se multiplicavam, a procura dos cineastas pelo autor levou um deles, o amigo Glauber, a baixar com sua equipe na casa do Rio Vermelho para fazer um documentário, Jorjamado no cinema, produção do setor de rádio e televisão da Embrafilme. O diretor inicia a gravação dizendo que Jorge é o escritor mais filmado do mundo, com três romances adaptados e outros quatro prestes a sair. O próprio Glauber prometia fazer um novo filme com *Terras do sem-fim*, o primeiro de Jorge a ser adaptado, em 1948, uma produção da Atlântida dirigida por um americano, Eddie Bernoudy. O livro virou também novela em 1966, pela TV Tupi, e de novo em 1981, dessa vez pela TV Globo (Aguiar, 2018).

As temáticas abordadas por Jorge Amado em sua obra são ligadas aos temas sociais e as pessoas marginalizadas que estão presentes na sociedade como as desigualdades sociais, o preconceito racial, a exploração dos trabalhadores rurais, a luta de classes, a opressão e as injustiças sofridas pelas personagens que viveram à margem da sociedade, sem direitos e na luta por condições de vidas dignas. Descreveu a Bahia, as alegrias do seu povo e suas manifestações culturais e religiosas, a culinária e o mar que está muito presente na sua literatura (Aguiar, 2018).

3 O TRABALHO LATIFUNDIÁRIO EM *SEARA VERMELHA*, DE JORGE AMADO

Seara Vermelha (1946), de Jorge Amado, é um dos romances que aborda a exploração do trabalho e narra a história de uma família de lavradores que são expulsos do latifúndio em que trabalhavam, no sertão da Bahia. A fazenda foi vendida e tiveram que sair, sem direitos e sem nenhuma garantia de nada. As péssimas condições de trabalho, reflete o desamparo dos trabalhadores pobres e explorados e tiveram que ir em busca de uma condição de vida melhor, enfrentaram uma longa jornada rumo a São Paulo, mas durante o percurso alguns morreram pelo caminho, por falta de alimentos e a fraqueza tomou conta dos retirantes, apenas quatro retirantes conseguiram, enfrentando o sertão, foram a pé até o São Francisco e de lá e pegar o navio para subir o rio até Pirapora.

Eles precisavam de um atestado de saúde emitido pelo médico da emigração para que eles consigam embarcar, os que apresentavam alguma doença ficavam ali em Pirapora para tratar, durante o período buscavam emprego em alguma fazenda, quando melhorava o estado de saúde decidiam se voltava para o sertão ou as ricas terras da tão sonhada São Paulo. Já na segunda parte do romance que trata dos três filhos de Jerônimo que saem de casa, antes do pai sair, e viram cangaceiros, o bando de Lucas Arvoredo soube que os cangaceiros iriam invadir a cidade e resolveram fazer uma emboscada para matar os cangaceiros, só que eles perceberam e resolveram criar uma estratégia para passarem por ali e saquearem a cidade.

Eles atiraram nos soldados, alguns fugiram e outros ficaram com o capitão. Eles conseguiram passar a barreira e chegar à cidade para invadir os comerciantes, depois levaram o prefeito e a mulher e mais algumas pessoas para o cinema à força, fizeram uma festa na cidade, mas ficaram escondidos, porque a polícia devia estar dentro da mata para atacá-los novamente. Eles passavam nas fazendas para atacar e pegar os valores que encontravam, nos quartéis os tenentes já planejavam várias vezes para matar o beato Estevão e estavam planejando cercá-los, era tido como apenas usava o beato para não trabalhar, mas o beato levava uma quantidade de fiéis que já era uns 100, atravessando o sertão com seu bando.

Os soldados já tinham feito várias emboscadas, mas não conseguiam, diziam que o Beato conseguia prever e assim iam saqueando fazendas e estabelecimentos, mas chegou a um ponto que estava difícil de encontrar mantimentos, anunciava o fim do mundo. Durante o confronto Lucas é atingido e seu bando recua, mas o nome do

beato foi esquecido no sertão. Engajam-se no exército e na luta comunista.

É necessário apontar algumas opiniões de autores sobre a obra *Seara Vermelha*, que trata das questões relacionadas à exploração do trabalho e que ele quer passar com a obra, tratando de pessoas que convivem com as dificuldades, ou seja, os excluídos da sociedade. A forma de denunciar as desigualdades sociais presentes na Bahia como no Brasil, as péssimas condições de vidas, a miséria que assola a população e para isso trouxemos alguns apontamentos feitos. Segundo Duarte (1996):

O romance extrai sua força justamente desse compromisso com os derrotados, da atitude - política - de denunciar a miséria e incitar a mudança social através da narração (quase sempre afirmativa e solidária) desses momentos em que aflora a revolta do povo (Duarte, 1996, p. 167).

As consequências das desigualdades e das injustiças sociais que ocorrem são a revolta e conflitos sobre terras, que é um dos principais temas abordados nas obras de Jorge Amado, os personagens em busca de direitos e de lugares que eles consigam para morar e viver dignamente. Os trabalhadores passam pelas piores dificuldades para sobreviver, convivem com a miséria e com todo tipo de injustiça social que sofrem quando são subordinados aos donos das fazendas. De acordo com Souza (2014):

[...] obras igualmente ligadas a terra e conflitos, como *Jubiabá* (1935) ou *Seara Vermelha* (1946), *Terras do sem fim* agrupa personagens que trazem, a pesar de si e para além de si, uma vocalidade mais aberta - mas não necessariamente polifônica - ou seja, não parecem ser marionetes de forças mais poderosas que eles, como ocorre em *Seara Vermelha*. Ainda que pressionados ou subalternizados pela violência do contexto, mesmo sucumbindo à "lei do lugar", lei feita na base do fuzil papo-amarelo, o qual garante as terras e avia a morte no mítico interior baiano, nesse romance as personagens são mais "sincréticas" que nos outros, na medida em que possibilitam olhar em vários ângulos a dinâmica daquele conflito (Souza, 2014, p. 305).

As consequências dos conflitos aconteceram por causa das injustiças que os trabalhadores sofrem nas fazendas e resolvem fazer justiça com suas próprias mãos, os cangaceiros estão muito presente na obra de Jorge Amado, pois é forma que eles

encontravam para se manifestar, sendo que a justiça ficava a favor dos grandes latifundiários e fazendeiros, usam o fuzil com o objetivo de tomarem o suor do trabalho, ou seja, estão pegando os bens que os pertencem como forma de se manterem. Conforme Teixeira (2017):

Jorge Amado nos mostra como nasce a violência no campo. Na obra em análise, o cangaço é um movimento social nordestino fruto do descontentamento com as desigualdades provenientes principalmente das disparidades econômicas, políticas e culturais que envolviam os grupos e as classes sociais do sertão nordestino. É em um contexto marcado profundamente por desigualdades e exclusão que o cangaceiro, o jagunço e o soldado da vingança, cansados de serem explorados, maltratados, valem-se de outras ferramentas e outras práticas laborais para estabelecer uma relação de trabalho mais justa, mesmo que praticando atividades ilícitas. Daí a necessidade de outras ferramentas: punhal, fuzil, repetição (Teixeira, 2017, p. 299).

Nesse sentido, Jorge Amado aborda como acontece a violência do campo, pois os aspectos que atribuem para os excluídos se revoltarem com tudo que está acontecendo com eles, vivendo à margem da sociedade, o trabalho era apenas para suprir e enriquecer os coronéis que viviam de explorar os mais humildes para se usufruir, pois é marcado por conflitos sociais, políticos e econômicos. Trata-se de uma região que tinha grandes fazendeiros com enormes extensões de terras vigiadas por seus capatazes e nessas fazendas existiam os trabalhadores que eram os colonos e meeiros que eram explorados ao máximo e o que recebiam em troca de seu trabalho o seu sustento. Por causa disso aconteciam revoltas contra as péssimas condições de trabalho e vida.

3.1 As desigualdades sociais presentes no romance *Seara Vermelha*

O romance *Seara Vermelha* (1946) aborda as consequências da exploração do trabalho e as desigualdades sociais presentes na vida dos trabalhadores que sofrem por meio de injustiças sociais, o baixo salário, a fome, a miséria e a péssima qualidade de vida. São perceptíveis durante a leitura da obra de Jorge Amado e percebe-se que os personagens não tinham direito de viver dignamente e tiveram que passar por várias dificuldades que causaram a morte de vários deles devido a fome e fraqueza

que enfrentam pelo sertão:

Os cadáveres vão ficando pelos caminhos improvisados e nem mesmo eles modificam a paisagem desolada onde, ao sol causticante, dormem indiferentes lagartos. Água só lá embaixo, onde termina a miséria da caatinga e começa a miséria do rio São Francisco (Amado, 2009, p. 55).

No trecho acima podemos observar o quanto os personagens sofreram depois de serem explorados e despedidos da fazenda no qual estavam vivendo em péssimas condições de vida, tiveram que seguir uma longa jornada. Na qual os retirantes que estavam com a saúde debilitada não suportaram a fome e acabaram morrendo durante a jornada pelo sertão: “Os meios de trabalho não são mediadores do grau de desenvolvimento da força de trabalho humana, mas também indicadores das condições sociais nas quais se trabalha” (Marx; Engels, 2013a, p. 33). Define como a condição social em que vivem os trabalhadores na sociedade, ou seja, o estado do indivíduo, o grupo em que está inserido e questões econômicas. Conforme se estabelece na constituição (1988):

Art. 170. A ordem econômica, fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social, observados os seguintes princípios: VII - redução das desigualdades regionais e sociais (Brasil, 1988 p. 109).

O destino dos retirantes era chegar a São Paulo, mas a situação estava difícil mesmo quando chegaram ao rio São Francisco continuava a mesma forma de vida que eles estavam, a mesma miséria. As crianças que viviam na fazenda estavam na pior situação de vida: “[...] Vestidas de trapos sujos, algumas nuas, barrigudas e magras, as crianças brincavam de roda” (Amado, 2009, p. 13). Como observamos que as condições humanas eram as piores possíveis, as crianças viviam na penúria e sem condições de vestir, a falta de alimentação e a condição de saúde precária:

Então andaram para a rede e Jerônimo sustentou Jucundina que soluçava. O corpo de Noca estava de costas, no estertor da morte ela se virara. Marta a retirou da rede e colocou no chão. Era um fiapo de gente, os ossos quase rasgando a pele de tão magra. Tonho chegou, sentou ao lado da irmãzinha morta, pôs-se a chorar (Amado, 2009, p. 85).

A miséria e a dor que muitos dos trabalhadores passaram durante o percurso com a perda de familiares, por causa das inúmeras questões como a fome, a doença que imperava entre os retirantes que tentavam enfrentar o sertão e suas lutas pela sobrevivência, tendo que vivenciar a morte de familiares para conseguirem chegar ao destino, na esperança empregos e salários dignos para viverem com mais dignidade, a luta de classe como definem Marx e Engels (2005, p. 48): “Mas toda a luta é uma luta política”. É preciso que os trabalhadores lutem pelos seus direitos, pois todos têm esse direito, mas no período eles não tinham o direito:

[...] os sertanejos mais pobres, vítimas quase sempre do latifúndio, das lutas desiguais com os coronéis que tomavam suas terras, frutos do meio social, ainda assim não guardavam particular simpatia pelos que sofriam o que eles já haviam sofrido (Amado, 2009, p. 218).

Nos lugares onde passavam encontravam fazendas com péssimas condições de salários e de trabalho: “Em fazendas por onde passavam ofereciam-lhe trabalho, muito mal pago” (Amado, 2009, p. 94). Percebe-se que em todas as fazendas que ali existia havia desigualdades, exploração e sofriam devido à falta de dinheiro para conseguir comprar o necessário para sobreviver: “Do ponto de vista marxista, a venda de força de trabalho aliena o trabalhador de sua capacidade criativa e de qualquer controle sobre o produto do seu trabalho” (Silva, 2015, p. 230). A força de trabalho consiste na alienação, pois não há criatividade e nem consegue controlar o produto fruto do seu trabalho. As consequências do latifúndio, faz com que os trabalhadores lutem, mas a doença atingiu-os como é o caso de Dinah:

EM MEIO À FOME, À SEDE E AO CANSAÇO, DINAH CAIU DOENTE. A febre veio à tardinha, quatro dias depois de haverem comido a gata. Jantar insuficiente. Marisca estava quase tão magra quanto eles, e

mastigaram os ossos, apenas Marta se recusara a comer apesar de todos os rogos de Jucundina e de todas as palavras duras de Jerônimo (Amado, 2009, p. 101).

A situação dos trabalhadores que enfrentavam era extrema, chegar ao ponto de se alimentar da gata de estimação para sobreviver, a pobreza e a fome persistiam nos retirantes, a doença tomava de conta deles, o desprezo que as famílias passavam pelos mais difíceis problemas, percebe-se o quanto eles sofreram e viram a situação que Dinah se encontrava. Os retirantes tiveram que ver os familiares morrerem e serem enterrados como indigentes: “OS URUBUS FICARAM PARA TRÁS. NÃO CUSTOU MUITO TRABALHO REMOVER a pouca terra que cobria o corpo de Dinah. Também eles não encontravam muito que comer no desolado da caatinga” (Amado, 2009, p. 103). No trecho vemos a consequência da fome e a fraqueza que assola os retirantes, o ser humano arrisca a vida para conseguir algo melhor, percebe-se o quanto é difícil encontrar um emprego por meio de sua condição social:

[...] a maior miséria, se a dos que partem ou a dos que voltam. É a fome e a cadáveres vão ficando pelo caminho, estrumando a terra da caatinga, e mais viçosos nascem os mandacarus, maiores os espinhos para rasgar novas carnes dos sertanejos fugidos. Famílias numerosas iniciam a viagem e quando atingem Pirapora a doença e a fome as reduziu a menos de metade (Amado, 2009, p. 54).

Os problemas sociais que estão presentes nesse trecho e os elevados níveis de pobreza que aflige os personagens que não encontra condições melhores de vida no sertão e é necessário procurar outros lugares como São Paulo, arriscando a própria vida, os meios sociais em que vivem não favoreciam eles, apenas são explorados com o trabalho que favorece os patrões para que enriquecê-los, pois eles só ganham um salário muito desigual. De acordo com a Constituição de 1988: “Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais” (Brasil, 1988, p. 11). É necessário a constituição, pois é por meio dela que todos têm a garantia dos seus direitos que são fundamentais na sociedade:

HOMENS E MULHERES continuaram arriados, com febre. Era o impaludismo. Aqueles que já não o traziam no corpo, do alto sertão e adquiriram ali nas águas do rio das sezões. Uma catinga insuportável fizera-se habitual na terceira classe. As sujeiras dos doentes misturavam-se outros fétidos odores, provindo do chiqueiro improvisado dos porcos, dos engradados de galinhas, da latrina sempre cheia (Amado, 2009, p. 143).

Durante a viagem em um navio sendo transportados como indigentes e convivendo em meios aos animais, contraindo doenças e ao se alimentarem de todo tipos de comida, sem nenhuma higiene de qualidade, afetando todos os passageiros que estão na embarcação, podemos perceber que são tratados como animais e tendo contato com os doentes, sem contar da sujeira e da fedentina que continha no navio. O quanto é desprivilegiado os que ficam na terceira classe com o todo o desamparo, sem assepsia e o tratamento aos trabalhadores que não dispõe de estrutura econômica para andar dignamente:

Nunca tivera uma boneca, nem mesmo uma dessas bruxas de pano que vendem na feira. Nunca tivera um brinquedo, nem mesmo um desses de madeira que os amadores fabricam. Nunca ouvira música nem assistira aos teatros de títeres, nada tivera além de Marisca (Amado, 2009, p. 21).

As desigualdades são tantas que as crianças não tinham brinquedos para poder brincar, disponha apenas de uma gata, eles viviam sem direitos algum, não haviam oportunidades, as crianças não tinham roupas, vestiam apenas trapos, nem brinquedos e sem direitos a saúde, os pais trabalhavam, mas o dinheiro que recebiam não era suficiente nem para comprar o necessário que é comida. Enquanto as elites que detinham o poder tinham dinheiro para comprar os alimentos e todo o luxo que queriam e os menos favorecidos passavam fome e acabavam morrendo: “Uma parte da mais-valia é consumida pelo capitalista como lucro, e a outra ele acumula como *O capital* (Marx, 2008, p, 184). Percebe-se que o capitalista que consegue cada vez mais gerar riqueza. Enquanto os mais humildes passam fome e adoecem:

NÃO HOUVE MUITO TEMPO PARA A MEMÓRIA DE NOCA. Só

tiveram o resto da noite para chorar e rezar por ela. Velaram o pequeno cadáver numa sentinela entremeada de conversas tristes, casos acontecidos com aquela gente, cada qual contando suas desventuras, histórias de secas, de terras tomadas, de lutas com coronéis poderosos, de crianças morrendo, de doenças e remédios do mato (Amado, 2009, p. 85).

Observa-se que os trabalhadores perderam a maioria dos seus familiares e durante essas passagens tristes eles lembravam das histórias de suas lutas, da fome, do poder dos coronéis que só causam injustiças, desigualdades e exploração. A grande causa de fatores das misérias sociais, dos trabalhadores que vivem do salário tão desigual e pelos meios que foram explorados, são expulsos da terra, pois o latifúndio em que viviam foi vendido e tiveram que deixar tudo, ficaram sem as suas casas. Segundo Ferreira Filho (2015):

[...] as condições impostas pelos detentores dos meios de produção e a falta de escolhas daqueles que tinham a própria força de trabalho como único bem a vender representavam a base sobre a qual se firmavam as ligações entre desigualdade de poder, trabalho e doenças (Ferreira Filho, 2015, p. 275).

A falta de um lugar no qual eles possam trabalhar dignamente com seus familiares, já que o sertão não oferece essas alternativas, o trabalho que tem é nas fazendas e é por meio da exploração de pessoas, fome, miséria e todas as desigualdades sociais presentes no cotidiano dos trabalhadores. Eles tinham a esperança de chegar a um lugar no qual possam encontrar emprego digno e viver dias melhores:

E através da caatinga, cortando-a de todos os lados, viaja uma inumerável multidão de camponeses. São homens jogados fora da terra pelo latifúndio e pela seca, expulsos de suas casas, sem trabalho nas fazendas, que descem em busca de São Paulo, Eldorado daquelas imaginações. Vêm de todas as partes do Nordeste na viagem de espantos, cortam a caatinga abrindo passo pelos espinhos, vencendo as cobras traiçoeiras, vencendo a sede e a fome, os pés calçados nas alpargatas de couro, as mãos rasgadas, os rostos feridos [...] (Amado, 2009, p. 53-54).

As injustiças presentes nos meios de trabalhos em que os camponeses que ficam sem estrutura e nem direito, são expulsos da terra e são entregues à sorte. Que sofrem por suas condições sociais e por não terem oportunidades e por serem nordestinos, pois as secas e a falta de investimentos em empresas não haviam: “A razão estava com ele. Se haviam de trabalhar dia e noite para uma fazenda, nascer e morrer em cima da enxada, sem nenhuma outra perspectiva [...]” (Amado, 2009, p. 292). A única alternativa que eles tinham era ir para São Paulo como forma de encontrar um bom trabalho. Para alcançar esse destino que se submeteram aos sofrimentos, as mãos e os rostos dos trabalhadores denotam o tamanho das desigualdades sociais:

Preparou o mingau de farinha de mandioca para a criança. Era um mingau ralo, sem substância, escuro e sem gosto. Mas não havia outra coisa, tinha sido impossível trazer a cabra. A criança parou de chorar, agora era Marta sozinha que via os olhos das moças e de todo o resto da família pousados sobre a carne que assava e sobre o saco onde estava a farinha (Amado, 2009, p. 67).

Os retirantes passaram por momentos difíceis com apenas farinha e pouca carne que restavam, as crianças comiam mingau de farinha, pois não tinham como comprar e nem dinheiro. Os trabalhadores e colonos conviviam com as dificuldades, a miséria e a extrema pobreza: “As carências nutricionais provocadas pela fome geravam muito mais do que organismos fragilizados com baixa imunidade” (Ferreira Filho, 2015, p. 250). Não tinham nenhuma condição de trabalho, convivendo com as reais dificuldades e sem assistência médica, pois as crianças eram as que mais sofriam com problemas de saúde e não tinham como pagar:

[...] terras esquecidas, onde a somatória de fome e de trabalho exaustivo compunha o dia a dia de homens igualmente esquecidos, a falta de assistência médica e de medicamentos adequados e as precárias condições de habitação faziam com que doenças com tratamentos relativamente simples adquirissem a gravidade que beirava o risco de morte (Ferreira Filho, 2015, p. 245).

A fome era constante nos grupos de retirantes, a seca acabava com o resto

das coisas que eles ainda tinham para sobreviverem, pois já ganhavam pouco e quando pagavam o armazém ficavam sem nada para uma possível seca que assolava o sertão. Os trabalhadores tinham que trabalhar um dia de graça, pois os fazendeiros determinavam nos contratos cláusulas que traz benefícios para eles próprios, contanto que apenas favorecem os donos das terras, os demais dias era para comprar alimentos:

A princípio trabalhavam quatro dias da semana para a fazenda, um de graça conforme mandava o contrato, os outros três para ter com que comprar a carne seca, o feijão e a farinha. No resto da semana caíam de machado e foice na capoeira e na mata (Amado, 2009, p. 28).

Eles eram forçados a trabalhar para conseguir comprar os alimentos que necessitavam e em muitas vezes o capataz restringia o fornecimento de alimentos que acarretava cada vez mais ocorra falta de alimentos naquelas famílias sofridas e sem nenhum aparato social: “Uns consomem superfluamente o que os outros produzem obrigados pela necessidade, recebendo para si apenas o estreitamento necessário” (Marx, 2008, p. 21). Os contratos favoreciam apenas aos coronéis que mantinham o poder e as leis eram feitas pelos donos da fazenda e tinham que obedecer, pois não possuíam advogados para reivindicar pelos seus direitos, a alternativa que eles tiveram que procurar outro lugar para viver:

Já estavam acostumados a dormir ao relento, debaixo das árvores, pois só existiam duas redes, numa das quais ficava Jucundina com o neto mais moço e na outra repousava Dinah. Mas naquela primeira noite da caatinga não havia árvores onde prender as redes, a muito custo conseguiram um pequeno descampado onde arriar as trouxas e jogar o corpo (Amado, 2009, p. 71).

A longa jornada contribuía para que os sujeitos enfrentarem os desafios que o sertão tem e tiveram que durante as noites tiveram que dormir debaixo das árvores e quando tinha, e prendiam as redes nas árvores para descansar. Eles passavam pelas piores dificuldades e sofriam trabalhando ganhando pouco e sendo roubados pelo capataz. As vidas sofridas dos retirantes faziam com que eles escolhessem qualquer

lugar para passar a noite, as dificuldades que os trabalhadores e meeiros enfrentavam:

A VIDA ERA DIFÍCIL E RUIM, METADE DA FARINHA DO MILHO E DA BATATA era para a fazenda, além do dia de trabalho gratuito, obrigatório pelo contrato do meeiro. Mas, nem mesmo as crianças que morriam, as doenças que se sucediam, a falta eterna de dinheiro [...] (Amado, 2009, p. 22).

A metade da colheita era para a fazenda, os trabalhadores tinham que trabalhar um dia de graça, sem acesso a saúde, pois a doença matava vários deles, a extrema pobreza e com a falta de dinheiro que necessitam para comprar os alimentos e cuidar da saúde, pois eles não conseguem alcançar nenhum objetivo, a falta de oportunidades de terem direitos aos bens essenciais. As desigualdades que os trabalhadores passavam nas suas vidas sem nenhuma perspectiva para o futuro.

3.2 Opressão e exploração do trabalho: caminhos da desesperança

A exploração do trabalho no romance *Seara Vermelha* (1946) é notável durante a leitura, que em muitos pontos, percebe-se pela forma que o autor destaca no texto, pela dureza em que os personagens passam. O modo como eles sofrem, por serem apenas trabalhadores, eram explorados pelo capataz da fazenda que cumpria as ordens do coronel e tinha que obedecer, mas em algumas passagens do romance ele roubava os trabalhadores. O importante para ele era a produção e os colonos tinham que trabalhar muito para ter uma lucratividade que ultrapassou o estabelecido. Conforme Silva (2015):

[...] atingem os trabalhadores, especialmente os de determinadas categorias que estão nos níveis mais baixos da hierarquia da divisão social do trabalho e que exercem as funções mais perigosas e insalubres, pelo simples fato de não poderem optar por outras funções mais seguras e mais bem remuneradas (Silva, 2015, p. 223).

Como observamos nesse pequeno trecho: “Artur suspendeu os ombros num

gesto característico. Não era culpa sua. Cumpria com sua obrigação, apertava os homens no trabalho, apertava os meeiros na hora das contas, pagava os preços estipulados, puxava pela fazenda é bem verdade [...]” (Amado, 2009, p. 14). Os trabalhadores apenas obedeciam, pois não tinha o que fazer e outro emprego não encontravam. A vida era muito difícil para os trabalhadores daquela fazenda e muitas vezes nem dinheiro tinha para suprir suas necessidades:

A VIDA ERA DIFÍCIL E RUIM, METADE DA FARINHA, DO MILHO E DA BATATA era para a fazenda, além do dia de trabalho gratuito, obrigatório pelo contrato do meeiro. Mas, nem mesmo as crianças que morriam, as doenças que se sucediam, a falta eterna de dinheiro, nada disso era capaz de entristecer Ataliba (Amado, 2009, p. 22).

Nesse trecho percebemos como era dura a vida dos trabalhadores, tinham que dividir a sua produção com a fazenda e eram obrigados a trabalhar um dia de graça para suprir cada vez mais o dono da fazenda. Eles sofreram muito por ganhar pouco dinheiro e fazem com que todo esforço e trabalho favoreçam aos grandes latifundiários que detém o poder. Em 1940, a maioria dos trabalhadores era composta por jovens que formavam a composição da faixa etária de 10 a 19 anos de idade, ocupava a maior parte com 33,7% e o grupo de 20 a 29 anos correspondia a grande massa que pressionava o mercado de trabalho aparecia com 24,7%. Já as pessoas com mais de 50 a 59 anos de idade eram apenas 7,1% (Ibge).²

O trabalho quando ultrapassam os limites trata-se de um processo de exploração do trabalhador que é assalariado. Conhecido como trabalho extra que é uma forma de fazer com que os proprietários usem de seu poder para explorar os seus funcionários e trabalhadores que já ganham pouco e não têm nenhum aumento pelas horas extras. Como os personagens de *Seara Vermelha* que trabalham um dia de graça para o dono da fazenda. De acordo com Marx (2008):

A parte da jornada de trabalho que ultrapassa os limites do trabalho necessário não forma nenhum valor para o operário, forma a mais-valia para o capitalista, chamamos tempo extra a essa parte da jornada, e trabalho extraordinário ao trabalho nela empregado. Se o valor, em geral, é uma simples materialização de tempo de trabalho, a mais-valia é uma simples materialização de tempo de trabalho extra

² Disponível em:< <https://doceru.com/>> Acesso em: 30 de out. de 2023.

[...] (Marx, 2008, p. 99).

Percebe-se que o capataz acha bom maltratar e oprimir as pessoas que estão à margem da sociedade e que não tem ninguém que os defendam: “Os meeiros reclamam, os trabalhadores olhavam-no com os olhos cheios de ameaças, mas Arthur não se preocupava, costumava dizer que “não tinha medo de caretas” (Amado, 2009, p. 14). As reclamações dos meeiros não importavam a Arthur, pois era ele quem mandava e não intimidava o modo como eles olhavam, e não podiam fazer qualquer reivindicação. Segundo Marx (2008):

Não basta que, por um lado, se apresentem as condições materiais do trabalho em forma de capital e, por outra, homens que nada têm a vender, senão a sua força de trabalho. Não basta tampouco que se os obrigue pela força a venderem-se "voluntariamente" (Marx, 2008, p. 211).

Os trabalhadores não conhecem os seus direitos, as leis que prevalecem era a dos donos da fazenda e que o pouco dinheiro que ganhava ia para o armazém, pagavam mais, pois os valores das mercadorias eram estabelecidos por Arthur, em outros comércios o preço era mais em conta, mas eles não podiam comprar. Apenas no armazém da fazenda: “Comem do que a terra produz, planta seu feijão, seu aipim, sua batata doce. Se o armazém da fazenda, onde compram o que vestir, não roubasse tanto, ele até poderia juntar algum dinheirinho para atender a uma doença ou a um ano ruim...” (Amado, 2009, p. 23). A exploração acontecia de forma que os donos da fazenda subtraíram o dinheiro dos trabalhadores, tirando o pouco que eles tinham para se manterem em possíveis secas que castigam o nordeste.

De acordo com Marx (2008, p. 107): “O capital só pensa, portanto, na formação da mais-valia, sem se preocupar com a saúde nem com a vida do trabalhador.” Como citado acima, percebemos que até o dinheiro que eles ganhavam não era suficiente para guardar um pouco, em caso de doença, porque o dono do armazém da fazenda roubava, ou seja, eram explorados de todas as formas, trabalhavam na fazenda, só conseguiam ficar com alguns alimentos. De acordo com Ribeiro (2007):

Desenvolve-se na fazenda – situada em um espaço geograficamente indeterminado, que pode ser qualquer um – em que moram Jerônimo, Jucundina, a família e vários outros colonos. Vivem num regime de semi-escravidão, na medida em que, não possuindo a terra, trabalham para um patrão que raramente vêem, são forçados a vender a produção para a fazenda e só podem comprar no armazém da própria fazenda, ficando sempre endividados (Ribeiro, 2007, p. 56).

A metade da colheita era para o dono e conviviam com vários dilemas sociais, pois não tinha dinheiro para uma assistência médica se caso precisasse, porque o dinheiro que eles ganhavam só dava para o armazém que consiste em gerar lucratividade ao dono da fazenda. Nesse período, a principal atividade era a agricultura. No Brasil, o setor da agricultura, pecuária e silvicultura alcançava cerca 1/3 da população ocupada, na Bahia representava 38,2 % da população, no qual a região nordeste representava a maioria da população que trabalhava na agricultura com 37,6%, pois devido à falta de outros setores como a indústria (Ibge).³

Quando Militão fizera a descoberta do preço do milho, eles debateram longamente as vantagens e desvantagens da compra. Militão achava que não valia a pena arriscar-se, era demasiado perigoso. Existiam leis na fazenda que não estavam escritas mas que todos respeitavam religiosamente, e uma delas era a que obrigava colonos e trabalhadores a comprar ali tudo o de que necessitasse (Amado, 2009, p. 28).

Na fazenda existia injustiças para os trabalhadores, as leis eram estabelecidas pelos donos e eles não podiam comprar em outros armazéns, que vendessem mais baratos. Eram obrigados a comprar mais caros. Os donos estabeleciam regras para os trabalhadores como se eles fossem os donos deles. Os donos da fazenda mandavam neles, porque as condições de trabalho eram análogas à escravidão. Os trabalhadores não podiam contestar e nem desobedecer:

[...] condições de vida e de trabalho daqueles que vivem da venda de sua força de trabalho, do seu cotidiano de exploração e dos riscos a que são submetidos, seja no chão da fábrica, na lavoura ou na construção civil. Afinal, a maioria dos trabalhadores dedica parte considerável de suas existências trabalhando, e não, militando, o que

³ Disponível em:< <https://doceru.com/>> Acesso em: 30 de out. de 2023.

evidencia a importância de estudos que analisem os processos e as condições de trabalho e os mecanismos de exploração do trabalho através da extração de mais-valia (Silva, 2015, p. 220).

No trecho a seguir vemos que a exploração do trabalho já acontecia na descendência deles: “Bastião plantava aquela roça fazia uns quatro anos, antes trabalhara a soldo na fazenda. Sua mãe fora escrava do pai do coronel e ele nascera na senzala e ali crescera.” (Amado, 2009, p. 36). Percebe-se que os antepassados dos trabalhadores foram escravos que sofreram e trabalharam muito para os coronéis. Bastião nasceu no ambiente da senzala e cresceu ali, convivendo com os mais diversos meios de exploração. Marx (2008) reflete que:

[...] explorar a força de trabalho extrair-lhe o trabalho extra, o sistema capitalista excede em energia, em eficácia com ilimitada potência a todos os sistemas anteriores de produção fundados diretamente nas diferentes formas de trabalhos forçados (Marx, 2008, p. 112).

Percebe-se que os antepassados eram escravos dos coronéis como a mãe de Bastião e sua figura de Bastião era bastante presente na fazenda, em todas as festas, que aconteciam na fazenda e o capataz era convidado pelos trabalhadores para ir a todo acontecimento que se dava na redondeza. Apesar de serem pessoas que eram explorados nas lavouras e o pouco dinheiro que ganham, são obrigados a comprar no próprio armazém para enriquecê-los. Além disso, Arthur utiliza a esperteza para reduzir o valor das safras dos colonos:

Talvez tenha mesmo feito contas atrapalhadas para pagar menos do valor das safras aos colonos, talvez tenha vendido mais caro do que o valor das mercadorias do armazém. Mas para isso era o capataz. Isso não deve importar nas suas relações com os homens (Amado, 2009, p. 46).

Os trabalhadores mesmo recebendo menos do valor pela safra, a maioria das vezes eram desviados, ou seja, pagavam menos do valor combinado. Arthur pagava qualquer valor, as injustiças aconteciam diariamente, mas os colonos não tinham o que fazer e não percebiam. Os meios que foram usados para a exploração humana e

para oprimir as pessoas mais humildes. Utiliza-se de meios que fazem com que os trabalhadores se submetiam ao trabalho análogo a escravidão. De acordo com Marx (2008):

A taxa de mais-valia é, por consequência, a expressão exata do grau de exploração da força de trabalho pelo capital, ou do trabalhador pelo capitalista; porém, não se deve confundir o grau de exploração com a magnitude absoluta dessa (Marx, 2008, p. 99).

Eles não tinham como reivindicar seus direitos. Naquela época, quem mandava eram os próprios donos das fazendas. Não tinha lei, a injustiça quem fazia eram os donos da fazenda e faziam suas próprias leis como foi citado anteriormente. As leis que regiam o Brasil favoreciam apenas as elites e os próprios fazendeiros que mandavam nas leis, pois tinham dinheiro e podiam fazer o que bem entendia e favorecia eles. De acordo com a constituição (1988):

Art. 243. As propriedades rurais e urbanas de qualquer região do País onde forem localizadas culturas ilegais de plantas psicotrópicas ou a exploração de trabalho escravo na forma da lei serão expropriadas e destinadas à reforma agrária e a programas de habitação popular, sem qualquer indenização ao proprietário e sem prejuízo de outras sanções previstas em lei, observado, no que couber, o disposto no art. 5º. (Redação dada pela EC n. 81/2014) (Brasil, 1988, p. 196).

Os colonos não tinham outra alternativa, pois, viviam ali no sertão da Bahia sofrendo devido às secas, em muitas vezes passavam fome. “São homens e mulheres que trabalham dia e noite, mourejam na enxada, cavoucam a terra, plantam e colhem, são semiescravizados à fazenda, à qual têm que vender sua colheita e onde têm que comprar seus mantimentos” (Amado, 2009, p. 48). As condições de vida dos trabalhadores são análogas à escravidão e trabalham durante a noite e dia, sem direitos e sem direito as férias. Segundo Silva (2015):

No capitalismo, a força de trabalho é uma mercadoria cuja utilização aumenta o valor de outras mercadorias, ao passo que o trabalho é a fonte do valor através do qual o valor de uso das mercadorias é alterado, ou seja, acrescentado de valor. Consequentemente, o valor

de uso da força de trabalho é sua capacidade de produzir valor (Silva, 2015, p. 229).

Na citação acima aborda a questão no capitalismo, a força do trabalho é como uma mercadoria e que esse mesmo aumenta o valor das mercadorias, ou seja, a força de trabalho faz com que contribua para produzir o valor. Por meio da força de trabalho que faz com que se produza mais, o sistema escravista contribui para o patrão e o trabalhador é pressionado a trabalhar mais, sabendo que não recebe salário, mas quando recebe não é suficiente para suprir por sua jornada de trabalho. Segundo Marx (2008):

No sistema escravagista, ainda a parte da jornada em que o escravo supre o valor da sua subsistência e na qual trabalha realmente para si próprio, parece que trabalha somente para o seu proprietário: todo o seu trabalho reveste a aparência do trabalho não pago (Marx, 2008, p. 163).

Os donos das terras, mantinham homens e mulheres na situação análoga à escravidão, o capataz Arthur era quem mandava na terra e administrava do seu jeito e só pensava no lucro, tirava o dinheiro dos trabalhadores por meio do preço exacerbado das mercadorias que vendiam no armazém, principalmente das pessoas que não têm condições para comprar nem um remédio para cuidar da saúde. Marx (2008) reflete que:

[...] para defender-se contra essa exploração é necessário que os operários, por um esforço coletivo, por uma pressão de classe, consigam que um obstáculo social lhes impeça venderem-se eles e seus filhos por "contrato livre" até à escravatura e a morte (Marx, 2008, p. 109).

Já no final, ao saírem da fazenda foram roubados por Arthur e explorados, ficaram basicamente quase nada. "O doutor Aureliano era homem ruim, mandara-os expulsar. E pior que todos era Artur, que antes fora trabalhador como eles, e que roubara a todos eles na hora do acerto de contas." (Amado, 2009, p. 65). Os dilemas sociais que aconteciam na fazenda, pois Arthur roubava os trabalhadores e como era

capataz do coronel, ficava impune. Eles eram tratados como escravos e pelo pouco dinheiro que ganhavam, esse é o papel das elites que querem o trabalho. De acordo com Marx (2008):

A força de trabalho só pode, portanto, ser vendida pelo seu próprio dono; esse deve gozar juridicamente dos mesmos direitos que o dono do dinheiro com quem trata; deve ser dono e dispor da sua pessoa e vender a sua força de trabalho sempre por um tempo determinado, de tal sorte que, decorrido esse tempo, recobre a plena posse dela (Marx, 2008, p. 83).

Até mesmo Arthur, que foi trabalhador, passou por todos os sofrimentos que os demais estão passando e ele recebeu a ordem do patrão para expulsá-los da fazenda, aproveitou da situação para roubar o dinheiro das pessoas que mais precisavam. A decisão do fazendeiro fez com que muitos dos colonos fossem à procura de outro destino e alguns acabam falecendo pelo caminho devido a fraqueza e a fome:

Lá vão eles, são centenas, são milhares, na viagem de espantos. Durante meses atravessam a caatinga. Os cadáveres vão ficando pelos caminhos improvisados e nem mesmo eles modificam a paisagem desolada onde, ao sol causticante, dormem indiferentes lagartos. Água só lá embaixo, onde termina a miséria da caatinga e começa a miséria do rio São Francisco (Amado, 2009, p. 55).

Os retirantes são expulsos e tiveram que partir para onde tenha melhorias, como emprego e condições de vidas dignas, mas durante o percurso alguns acabam morrendo devido à fome e a fraqueza, a seca. Que também afetava a região do sertão, saíram em busca de encontrar um lugar que tenha trabalho e condições no qual possam viver dignamente. As crianças que viviam na fazenda passavam as piores necessidades, passavam fome e usavam roupas velhas. Conforme o trecho a seguir: “Vestidas de trapos sujos, algumas nuas, barrigudas e magras, as crianças brincavam de roda” (Amado, 2009, p. 13). As desigualdades sociais presentes na vida dessas pessoas, era tão grande que até as crianças viviam em situação precária e sem nenhuma assistência médica:

Só tiveram o resto da noite para chorar e rezar por ela. Velaram o pequeno cadáver numa sentinela entremeada de conversas tristes, casos acontecidos com aquela gente, cada qual contando suas desventuras, histórias de secas, de terras tomadas de lutas com coronéis poderosos, de crianças morrendo, de doenças e remédios do mato (Amado, 2009, p. 85).

As condições humanas que os colonos enfrentaram durante o percurso apesar da dor de perda de familiares, a miséria, a fome e a carência de água. Os coronéis que usavam o seu poder para tomar as terras, remete a mente deles o que eles passaram, sofreram, foram oprimidos e explorados. Saíram sem nada, apenas com as poucas vestimentas que tinham e alguns mantimentos que sobraram. Os poderosos não estavam preocupados com as condições de vida dos mais humildes: “[...] o livro de assentamento estava em cima da mesa. Tomou maquinalmente dele e começou a virar-lhe as folhas. A conta de Mario Gomes estava grande, nem com muito tempo de trabalho ele poderia pagar. Tinha que limitar o fornecimento” (Amado, 2009, p. 15). Na fazenda havia limites, pois os trabalhadores não podiam ultrapassar o limite das contas no armazém. Segundo Marx e Engels (2013):

O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais (Marx; Engels, 2013b, p. 38).

Na fazenda era limitado às compras quando eles acumulavam a conta, os trabalhadores que compravam muito e já tinha uma conta enorme como é o caso de Mário Gomes que é um dos trabalhadores ao chegar certo dia no armazém, o capataz acabou limitando o fornecimento, pois nem com muito tempo de trabalho conseguia pagar. Já que o dinheiro que ganhava não era suficiente para pagar a conta que devia, por isso Arthur limitou e por isso Mário não tinha que diminuir sua dívida. Eles são esperançosos como todo nordestino quando se deparam com a imensidão do rio e esperou que estavam no rio estivesse bem de vida:

E se admiravam que os camponeses chegados da beira do rio fossem andrajosos e fracos, os rostos amarelos de sezão, piolhentos e sujos. Com aquele farturão de água era de esperar que toda gente por ali estivesse nadando em dinheiro. Não tardaram, no entanto, em descobrir que todas aquelas terras ubérrimas pertenciam a uns poucos donos e que aqueles homens magros e paludados trabalhavam em terras dos outros, na enxada de sol a sol, nos campos de ouricuri, nos carnaubais e nas plantações de arroz e algodão, ganhando salários ainda inferiores àqueles que pagavam pelo sertão (Amado, 2009, p. 115).

Ao chegarem a Juazeiro, pensavam algo próspero que tivesse aqueles trabalhadores que ali estavam estruturados economicamente, mas eles ganhavam inferior, os trabalhadores eram explorados nas terras que estavam trabalhando. A vida era dura e não favoreciam aqueles que mais necessitavam, é muito frequente em fazendas, os patrões fazem isso com os trabalhadores. Apenas pensando em lucrar com o suor das pessoas que não têm onde morar e não têm o que comer. Os bons salários são para os mais favorecidos e que detém o poder, e os mais humildes não tinham oportunidades, são trabalhadores que são expulsos e não têm opções a não ser ir em direção a tão sonhada “São Paulo”:

E através da caatinga, cortando-a de todos os lados, viaja uma inumerável multidão de camponeses. São homens jogados fora da terra pelo latifúndio e pela seca, expulsos de suas casas, sem trabalho nas fazendas, que descem em busca de São Paulo, Eldorado daquelas imaginações (Amado, 2009, p. 53).

Eles pretendiam ir a São Paulo, pois era a esperança dos trabalhadores e é o meio no qual eles podiam encontrar um trabalho digno e que pagassem o salário justo, depois de tanto tempo trabalhando nas fazendas, saíram sem direito, não tiveram nenhuma condição digna de trabalho, fugindo da seca que assola a região do sertão, foram jogados para fora de suas casas. A maioria dos trabalhadores que não conseguiram empregos no nordeste vão em direção a São Paulo para conseguir uma estrutura financeira e melhorar a situação de vida. Sair do ambiente no qual sofreram e passaram por situações de trabalho análogo a escravidão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto, às evidências da exploração e opressão no romance *Seara Vermelha* (1946), chegamos à conclusão que os personagens sofriam pelas desigualdades sociais, a exploração e pelas condições sociais em que eles viviam. As consequências dos latifúndios faziam com que eles sofressem os mais difíceis dias de suas vidas e suas lutas para sobreviverem à fome e à miséria presentes no cotidiano dos personagens que enfrentaram o sertão em busca de uma vida digna, em busca de um trabalho que fosse o suficiente para viver com dignidade.

A realidade de muitas famílias, a miséria e a dor dos trabalhadores perderem seus familiares devido à fome, a doença que imperava entre os retirantes que persistiram na luta para sobreviver. Em meio ao sertão tiveram que vivenciar a morte de alguns deles como Dinah que adoeceu e depois de muita luta para que ela ficasse boa, veio a falecer e tiveram que enterrar como se fosse uma indigente, em meio ao caminho para o corpo ser devorado pelos urubus. Ao longo do romance, as crianças são as mais atingidas pelas doenças e vivem em situações difíceis, a falta de alimentos adequados e de assistência médica contribuem para esse quadro desolador das personagens que enfrentam as piores problemáticas, e os trabalhadores vivem situações críticas.

A situação que os trabalhadores enfrentavam era extrema, chegaram ao ponto de se alimentar de animais como a gata de estimação para sobreviver, a pobreza e a fome persistem nos retirantes, a doença toma de conta deles, o desprezo que a família passava pelos mais difíceis problemas, percebe-se o quanto eles sofreram. Durante a viagem em um navio que foram transportados como indigentes e convivendo em meios aos animais, contraindo doenças e ao se alimentarem de todo tipos de comida, sem nenhuma higiene de qualidade, afetando todos os passageiros que estão na embarcação, podemos perceber que são tratados como animais, sem nenhuma higiene.

As péssimas condições em que os trabalhadores viviam, ganhando pouco e eram estabelecidas por leis própria da fazenda que tinham que trabalhar um dia de graça na fazenda, Athur roubava o dinheiro na hora fazer o pagamento e usava a esperteza para dividir a safra, fazendo com que os eles ficassem com menos que o valor que eles estabeleciam antes do período do plantio. Eles não podiam comprar as sementes para plantar em outros locais, pois eram obrigados a comprar no próprio

armazém da fazenda para gerar lucratividade. A exploração ocorria em todos os aspectos na fazenda e era frequente no período de 1930, a maioria dos trabalhadores viviam sob um modo de condições de trabalho escravista.

As injustiças presentes nos meios de trabalho faziam com que os camponeses ficassem sem estrutura e nem direito, são expulsos da terra e são entregues à sorte. Os camponeses sofrem por suas condições sociais e por não terem oportunidades e por serem nordestino, pois as secas castigavam também, a região sul era a única alternativa de saírem dos meios de exploração sendo oprimidos pelos donos das fazendas, sem direitos sociais e trabalhistas. Observamos que os personagens tinham vontade de falar o que estavam sentindo em relação às injustiças que vinham sofrendo, mas não podiam reivindicar seus direitos, pois a justiça estava nas mãos dos fazendeiros que detinham o poder.

Os papéis que eles exerciam mediante a sociedade eram de trabalhadores com salários insuficientes para comprar o necessário, trabalhavam de acordo com que era estabelecido pelos patrões e tinha que trabalhar um dia de graça na fazenda. Eles sofreram as piores injustiças por se tratar de pessoas humildes que não tinham nenhum aparato trabalhista ou jurídico para defender e lutar pelos seus direitos. É perceptível que muitos dos personagens enfrentaram muitas barbaridades, mas não tinham outra forma de ganhar, eles eram sujeitos aos patrões para serem explorados e oprimidos em meio às condições precárias.

A exploração e opressão dos trabalhadores consistia de forma que ganhavam pouco e trabalhavam muito, viviam em condições precárias, sem direitos fundamentais como saúde, condições de trabalho dignos e a forma como são tratados pelo capataz e pelo coronel. Eles cumpriam com as ordens e eram obrigados a comprar no armazém da fazenda com preços absurdos. O dinheiro que recebiam não era o suficiente para comprar nem o básico como os alimentos e roupas, pois as crianças viviam nas condições mais precárias que o ser humano pode passar, ou seja, situações subumanas que os personagens do romance sofreram no trabalho e na viagem rumo a São Paulo.

Os trabalhadores e colonos são representados como pessoas sofridas, que lutam em meio às desigualdades sociais presentes no sertão, por condições de vidas melhores. O contexto no qual estão inseridos faz com que eles sejam submetidos ao trabalho análogo à escravidão, pois são pessoas com pouca ou nenhuma instrução, sem nenhuma perspectiva, pois o sertão é árido e o único meio é a agricultura para

subsistência, mas quando não há uma boa quadra chuvosa não conseguem colher uma boa produtividade.

Portanto, entendemos que a marca da exploração dos trabalhadores que está internalizado nos personagens vem de outras gerações que trabalhavam na fazenda e eram escravos. Além disso, é importante ressaltar que as questões relacionadas ao trabalho análogo à escravidão são frequentes nos seres humanos, pois os patrões utilizam e contratam pessoas para trabalhar muito e pagar menos que o valor trabalhado.

REFERÊNCIAS:

- ABL, **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/jorge-amado/biografia>>. Acesso em: 13 de out. de 2023.
- AGUIAR, Joselia. **Jorge Amado**: uma biografia. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2008.
- AMADO, Jorge. **Seara Vermelha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BERNARDON, Tiago (ORG). **Trabalho e trabalhadores no Nordeste**. Campina Grande: Eduepb, 2015.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 31 de mar. de 2023.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 52. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. *In*: CANDIDO, *et al.* **A personagem de ficção**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 51-80.
- CANDIDO, Antônio. Crítica e sociologia. *In*: **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006a, p. 13-25.
- CANDIDO, Antônio. A literatura e a vida social. *In*: **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006b. p. 27-49.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. Rio de Janeiro: Record; Natal, RN: UFRN, 1996.
- FERREIRA FILHO, José Marcelo Marques. A indústria dos corpos exauridos na plantation açucareira no Nordeste do Brasil. *In*: OLIVEIRA, Tiago Bernardon. (Org.). **Trabalho e trabalhadores no Nordeste**: análises e perspectivas de pesquisas históricas em Alagoas, Pernambuco e Paraíba [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2015, pp. 241-280.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <www.ibge.gov.br/generoindicadoresociais>. Acesso em: 31 de mar. de 2023.
- LUIZ; SANTIN. **As relações de trabalho e sua regulamentação no Brasil a partir da Revolução de 1930**. 2011. Artigo. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/his/a/LXDGpSzFJkdChnYwq8bdkkL/>> Acesso em: 1 de nov. de 2023.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. 34. Ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. COGGIOLA, Osvaldo (org.) 1. ed. 1998. Reimpr. São Paulo: Boitempo. Editorial, 2005.

MARX, Karl, **O capital**. Condensação de Gabriel Deville, tradução de Albano Morais. 3. ed. Bauru/SP: EDIPRO, 2008.

MARX, Karl. Processo de trabalho e processo de valorização. *In*: ANTUNES, Ricardo (org.). **A Dialética do trabalho** – Escritos de Marx e Engels. V.1. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013a, p. 31-58.

MARX, Karl. Valor, preço e lucro. *In*: ANTUNES, Ricardo (org.). **A Dialética do trabalho** – Escritos de Marx e Engels. V. 1. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013b, p. 59 -100.

RABASSA, Gregory. **O negro na ficção brasileira**. Trad. Ana Maria Martins. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

RIBEIRO, Procópio Gilvan. **Linguagens e diversidades**: Uma leitura de Jorge Amado e Boaventura Cardoso. Niterói: 2007. Tese de doutorado. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcgclclefindmkaj/https://livros01.livrosgratis.com.br/cp107644.pdf>. Acesso em: 28 de out. de 2023.

SILVA, Ana Beatriz Ribeiro Barros. Acidentes, adoecimento e morte no trabalho como tema de estudo da História. *In*: OLIVEIRA, Tiago Bernado. (Org.). **Trabalho e trabalhadores no Nordeste**: análises e perspectivas de pesquisas históricas em Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Campina Grande: EDUEPB, 2015, pp. 215-240.

SOUZA, Auricélio Ferreira. (Re) Descobertas e Indefinições – entre a representação, a sub-representação, faroeste e orixás: uma breve leitura de Terras do sem fim, de Jorge Amado. *In*: SWARNAKAR, Sudha.; FIGUEIREDO, Ediliane Lopes Leite.; and GERMANO, Patrícia Gomes (Orgs.). **Nova leitura crítica de Jorge Amado**. Campina Grande: EDUEPB, 2014

SWARNAKAR, Sudha.; FIGUEIREDO, Edilene Lopes Leite de.; and GERMANO, Patrícia Gomes. (Orgs.). **Nova leitura crítica de Jorge Amado**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

TEIXEIRA, Maria da Conceição. Reis. (2017). **Uma análise lexicológica dos instrumentos e das relações de trabalho em Seara Vermelha, de Jorge Amado**. Disponível em: <https://capes-primo.ezl.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

Tendências demográficas no período de 1940/2000. Disponível em: <https://doceru.com/>. Acesso em: 30 de out. de 2023.